



Falar sobre o direito à liberdade sexual da mulher é chamar a atenção para as dificuldades ainda presentes na vida de muitas mulheres. É afirmar que o poder sobre seu corpo é de cada uma. É desejar que cada vez mais todas as mulheres possam expressar e exercer a sua sexualidade de forma livre.

A liberdade sexual pode ser entendida pelo direito de expressar e exercer a própria sexualidade de forma livre, ou seja, escolher sua/seu parceira(o) ou parceiras(os), inclusive nenhum(a), bem como decidir quando e como se expressar sexualmente, além da livre orientação sexual. Também significa respeitar as diferentes expressões: a intolerância a alguma maneira de expressar e/ou exercer a sexualidade é uma forma de discriminação e gera sofrimento, exclusão e, muitas vezes, violência.

Deve-se frisar que a liberdade sexual dá a todas as pessoas o poder sobre si mesmas, mas também a responsabilidade sobre suas escolhas. Claro que essa liberdade deve ser de ambos os lados: não se pode falar em liberdade quando um dos lados está sendo pressionado, coagido, até mesmo abusado ou explorado.

ENDEREÇOS e TELEFONES ÚTEIS:

Defensoria Pública do Estado de São Paulo
Avenida Liberdade, 32 – Centro – SP
Tel: (11) 3105.5799
(www.defensoria.sp.gov.br)

Núcleo Especializado de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito
Rua Boa Vista, 103 – 7º andar – Centro.
Tel: (11) 3101.0155 – ramais 137/249

Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher
Rua Boa Vista, nº 103, 10º andar.
Telefone (11) 3101 0155 ramais 233/238

Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Governo do Estado de São Paulo
telefone: (11) 3241-4291



Texto: Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher

Revisão: Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa da Defensoria Pública do Estado São Paulo.

Diagramação, produção e impressão: Escola da Defensoria Pública do Estado
fevereiro de 2013



Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos
Direitos da Mulher



Escola
da Defensoria
Pública do Estado

Até bem pouco tempo atrás, o sexo era visto somente como forma de procriação, de modo que havia forte repressão às relações sexuais realizadas fora do casamento ou dos padrões socialmente aceitos e estabelecidos - embora o comportamento masculino fora de tais padrões fosse não só tolerado, mas aceito, não ocorrendo o mesmo com as mulheres. E isso ainda acontece.

As mulheres continuam sendo o maior alvo da repressão sexual. A mulher não poderia permitir intimidade com um homem que não fosse seu marido, mas mesmo com este não deveria demonstrar muito interesse sexual e muito menos desejo e prazer. No entanto, a entrada da mulher no mercado de trabalho, as lutas de movimentos sociais e o avanço científico - que criou a pílula anticoncepcional nos anos 1960, por exemplo - deram maior autonomia à mulher quanto à sua sexualidade.

E VOCÊ, O QUE ACHA?

Atualmente, a mulher consegue se expressar sexualmente?

Há liberdade sexual para as mulheres?

Essa liberdade é total ou parcial?

Entendemos que hoje, com a existência de diversos métodos contraceptivos e da camisinha masculina e feminina, o sexo pode ser realizado com

segurança e liberdade. Contudo, ainda persistem formas de limitar a autonomia da mulher.

Não é comum pais conversarem com as filhas sobre sexo, sobre sua liberdade de se expressar sexualmente. Nem todas as escolas tratam abertamente sobre o assunto. A falta de conhecimento sobre o sexo pode ser causa de gravidez indesejada e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Quebrar as barreiras e falar sobre sexo, sobre prazer, e conhecer o próprio corpo devem fazer parte da educação sexual. Isto dá autonomia à mulher e amplia as possibilidades de expressão e exercício da própria sexualidade.

Em programas de televisão, propagandas, revistas, outdoors, sites, ou seja, na mídia em geral, é frequente o uso de uma imagem de mulher, normalmente apresentada de forma sensual, como apelo para a venda de um produto. Ainda assim, não é a mulher como um todo que é veiculada, mas partes de seu corpo e na maioria das vezes o padrão de beleza explorado é um padrão irreal para a mulher comum. Este modo de apresentação do feminino, que não engloba a mulher nas suas inúmeras formas de ser e a retrata como mero brinde de um outro produto mais importante, contribui para a construção de uma autoimagem distorcida, gerando conflitos e sofrimentos às mulheres. Isso quer dizer que a imagem da mulher explorada na mídia é reduzida a um corpo, ou até a um pedaço de corpo, não importando o que ela pensa ou sente, descartando também a importância da luta pela emancipação e autonomia feminina.

TRÁFICO DE MULHERES:

Você sabia que mulheres são convencidas a mudarem de país, com promessas de melhores empregos, no entanto, são obrigadas a se prostituir quando chegam ao destino? De acordo com a ONU, o tráfico para exploração sexual movimentaria mais de 32 bilhões de dólares por ano e o Brasil é o país de origem da maioria das mulheres traficadas - aproximadamente 85 mil vítimas.

Mesmo as mulheres que sabem e aceitam que serão profissionais do sexo, devem conhecer bem a proposta de trabalho, pois muitas vezes chegam ao destino e são proibidas de viver livremente. Isto é exploração sexual e é crime. Assim, a melhor forma de combate ao tráfico é a educação e atentar ao fato de que as vantagens normalmente prometidas pelos aliciadores são, muitas vezes, impossíveis em qualquer outro emprego.

VOCÊ CONHECE ALGUÉM NESTA SITUAÇÃO?

Não deixe de buscar ajuda e orientações nos serviços disponíveis!